

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

VICTOR HUGO SOARES DE OLIVEIRA

**A DIFÍCIL JORNADA DE QUEM SONHA EM SER JOGADOR DE
FUTEBOL PROFISSIONAL**

Goiânia
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Victor Hugo Soares de Oliveira

Título do trabalho: A difícil jornada de quem sonha em ser jogador de futebol profissional

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Pereira Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 30/10/2021, às 11:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **VICTOR HUGO SOARES DE OLIVEIRA, Discente**, em 04/11/2021, às 20:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orga_o_acesso_externo=0, informando o código verificador **2455310** e o código CRC **0A620989**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

VICTOR HUGO SOARES DE OLIVEIRA

**A DIFÍCIL JORNADA DE QUEM SONHA EM SER JOGADOR DE
FUTEBOL PROFISSIONAL**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação Física e Dança da Universidade
Federal de Goiás, como requisito para
finalização do curso de Educação Física
Licenciatura

Orientador: Prof. Dr. Roberto Pereira
Furtado

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Victor Hugo
A DIFÍCIL JORNADA DE QUEM SONHA EM SER JOGADOR DE
FUTEBOL PROFISSIONAL [manuscrito] / Victor Hugo Oliveira.
2021. xxxviii, 38 f.

Orientador: Profa. Dra. Roberto Pereira Furtado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),
Educação Física, Goiânia, 2021.

1. Futebol. 2. Sonho. 3. Jogador. 4. Profissional. I. Pereira
Furtado, Roberto , orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **vinte e nove dias do mês de outubro do ano de 2021** iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**A difícil jornada de quem sonha em ser jogador de futebol profissional**”, de autoria de **Victor Hugo Soares de Oliveira**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da **Faculdade de Educação Física e Dança** da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo **Prof. Dr. Roberto Pereira Furtado - orientador FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Marcel Farias de Sousa - FEFD/UFG** e **Prof. Ms. Marcus Vinícius Coimbra dos Santos - Secretaria Estadual de Educação de Goiás**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 8,5, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **MARCUS VINÍCIUS COIMBRA DOS SANTOS, Usuário Externo**, em 29/10/2021, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Pereira Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 30/10/2021, às 11:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcel Farias De Sousa, Professor do Magistério Superior**, em 03/11/2021, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_aceso_externo=0, informando o código verificador **2455309** e o código CRC **C6A85F56**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por tudo que tem feito na minha vida, e agora por mais uma conquista com a conclusão desse trabalho.

Gostaria de agradecer ao meus pais, que são meus exemplos diários, por todo apoio e suporte necessário em minha construção como cidadão e ser humano.

Gostaria de agradecer a minha namorada que teve um papel fundamental nesse processo, com ajudas, incentivos, não me deixando desanimar, enfim, sendo muito importante como um todo.

Gostaria de agradecer a meus irmãos que sempre estiveram comigo, principalmente ao longo dessa graduação.

Gostaria de agradecer a “tia Cléa” por todo apoio e carinho ao longo da minha vida.

Gostaria de agradecer ao meus amigos que foram de muita importância ao longo desse período, e que torceram por mim, assim como todos envolvidos.

Gostaria de agradecer aos meus professores, que foram grandes responsáveis em minha formação acadêmica e humana, compartilhando ensinamentos, lições, experiências e sabedoria.

E gostaria de agradecer ao meu orientador Dr. Roberto Pereira Furtado por toda ajuda, paciência e colaboração para conclusão desta Monografia.

RESUMO

O presente estudo tem como finalidade observar e compreender através de buscas teóricas, junto à realização de uma pesquisa de campo, os fatores de interferência negativa em meio ao processo de se tornar jogador de futebol profissional. Feita uma coleta de dados por meio de uma entrevista semiestruturada, averiguaremos três histórias de diferentes jovens no estado de Goiás que passaram por essa experiência e compartilharam conosco a luta por esse desejo. A vida de quem batalha por esse sonho é repleta de obstáculos e desafios, exigindo certas renúncias e extrema determinação. É isso que veremos neste trabalho, o futebol como fenômeno social a partir de um olhar histórico-cultural, e o despertar do desejo em jovens para viverem dessa profissão, e melhor, qual direção deve ser tomada para a realização do sonho. São muitos os pontos a serem abordados e que cercam o futebol, desde as formas de entradas em times e clubes, até sua possível permanência. Enfim, são vários fatores que influenciam nesse processo de profissionalização, aonde chegar ao profissional não representa viver dele, mas sim, parte do sonho concluído.

Palavras-chave: futebol, sonho, jogador, profissional.

ABSTRACT

The present study aims to observe and understand through theoretical research, together with field research, the negative interference factors in the process of becoming a professional soccer player. After collecting data through a semi-structured interview, we will find out three stories of different young people in the state of Goiás who went through this experience and shared with us the struggle for this desire. The life of those who fight for this dream is full of obstacles and challenges, requiring certain renunciations and extreme determination. This is what we will see in this work, football as a social phenomenon from a historical-cultural perspective, and the awakening of the desire in young people to make a living from this profession, and better, which direction should be taken to make the dream come true. There are many points to be addressed that surround football, from the forms of entry into teams and clubs, to its possible permanence. Finally, there are several factors that influence this process of professionalization, where reaching the professional does not represent living from it, but rather part of the completed dream.

Keywords: football, dream, player, professional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. UMA ANÁLISE HISTÓRICA E CULTURAL DO FUTEBOL	17
2.1 Participação inglesa na origem do futebol brasileiro.....	17
2.2 Futebol, um fenômeno esportivo e social.....	19
2.3 Mercantilização do futebol.....	21
3. FATORES DE INTERFERÊNCIA NA PROFISSIONALIZAÇÃO JUNTO À ANÁLISE DE DADOS DAS ENTREVISTAS	24
3.1 Formas de entrada nos clubes de futebol.....	24
3.2 Questões financeiras.....	27
3.3 Estudos.....	29
3.4 Empresários no futebol.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
5. REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

Devido ao fato de o senso comum ter como referência aqueles jogadores bem sucedidos, cercado pelo glamour, pela fama e pelo dinheiro, muitos desconhecem uma realidade na qual exige muita luta e trabalho para tentar chegar aonde uma minoria acaba por conseguir. Apenas uma pequena parcela dos que tentam ser jogadores de futebol conseguem chegar ao estrelato, não correspondendo assim a veracidade do futebol brasileiro, em que muitos passam por dificuldades, principalmente no começo, na tentativa de se tornar profissional. O trabalho é duro, não basta apenas ser bom jogador de futebol, é necessário ter persistência, levar uma vida repleta de escolhas e abdições. É nesse contexto que vamos buscar entender a realidade de quem trava essa batalha pelo sonho.

Visto o futebol como objeto de estudos e salientando a diversidade de pesquisas na área, principalmente de cunho social, exaltando sua grandiosidade. O presente estudo buscou averiguar o outro lado do esporte, um lado que é menos explorado, talvez mais complexo, porém não menos importante. Sendo assim, o objetivo central de nosso trabalho é compreender a trajetória e os fatores de interferência negativa na tentativa de se tornar um jogador de futebol profissional. Todavia, é necessária uma contextualização completa para abordarmos o assunto de forma abrangente, entendendo como o futebol atua na sociedade, o que ele representa para essas pessoas, como funciona seu mercado, enfim, fatores que rodeiam esse universo chamado futebol. Partindo do nosso objetivo central já estipulado, é fundamental entendermos alguns objetivos específicos que nos darão um olhar mais direcionado e certo a respeito da trajetória do indivíduo na busca do sonho.

Uma busca literária é imprescindível para entrarmos no assunto entendendo como o futebol se apresentou no país a partir de um olhar histórico-cultural. Advindo dessa afirmação, a utilização do texto de Giglio “Futebol: mitos, ídolos e heróis” se fez necessária como referencial teórico para desenvolvimento de nossa pesquisa, auxiliando em construções de teses e permitindo diálogos com outros autores, como: Damatta em “Antropologia do óbvio” e Heloisa Reis em “Futebol e sociedade: as

manifestações da torcida”, assim permitindo uma melhor compreensão do futebol como fenômeno social.

Buscando aproximar mais do nosso objetivo proposto, devemos observar como ocorre a entrada de jovens nos clubes de futebol, compreendendo aspectos pessoais que afetam negativamente o processo em ser jogador e analisando as oportunidades vislumbradas pelos atletas no profissional. Entretanto, alguns fatores externos acabam influenciando no futuro desses atletas, então compreender o papel dos empresários no futebol e analisar a escolarização junto a tentativa de profissionalização, são alguns dos fatores que daremos atenção neste trabalho, com a finalidade de compreender melhor o universo de quem trava esse objetivo.

Presumindo que apenas com as buscas teóricas não seria possível responder a todas questões e objetivos tramados, foi necessário buscar na prática a história de três indivíduos que passaram por essas experiências, afim de qualificar a pesquisa. Então foi realizada uma pesquisa de campo, com coletas de dados através de entrevistas semiestruturadas na tentativa de aprofundar no tema e conseguir um maior conhecimento a respeito desses participantes. Como técnica de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada seguindo um padrão seletivo aos entrevistados, na qual necessitavam ser: maiores de idade (+18), que lutaram pelo sonho de ser jogador de futebol, e se possível, com experiências no futebol profissional.

Após apurar os dados iniciais dos participantes, foi perguntado a eles a respeito do consenso em compartilhar suas respectivas histórias e exposições de falas. Todos concordaram e então começamos averiguar um pouco da história dos entrevistados com uma série de perguntas subjetivas, tentando conhecer a relação deste com o esporte. As perguntas selecionadas foram: Como surgiu o seu interesse em se tornar jogador de futebol profissional? Já treinou em escolinhas, passou por categorias de base ou se profissionalizou? Como foi a experiência? Quais aspectos pessoais você considera fator de interferência negativa no seguimento da carreira profissional? Por que? Quais foram as oportunidades que você já obteve no futebol profissional? Como você avalia cada uma delas? Como você observa e analisa a relação escola e futebol? Como deslumbra e visualiza uma forma de entrada nos times profissionais? Já teve empresário? Como analisa eles no futebol?

Cada história, cada indivíduo, cada tentativa de profissionalização, seja ela frustrada ou não, apresenta suas peculiaridades e subjetividades. É isso que veremos nas entrevistas realizadas com 3 jovens que passaram por essas experiências, falando um pouco das suas respectivas trajetórias - das dificuldades, dos clubes por onde passaram e das experiências de serem jogadores de futebol profissional.

O entrevistado A, começou sua trajetória no futebol com 5 anos de idade na escolinha do Goiás esporte clube, após 1 ano no campo, migrou para uma equipe de futsal, aonde permaneceu até seus 13 anos de idade, e pôde voltar ao futebol de campo para equipe do Goiás, no qual se firmou em sua categoria.

Após uma lesão no joelho, aos 13 anos, foi obrigado a encerrar suas atividades momentaneamente devido ao tratamento da contusão. Com 14 anos conseguiu retornar as suas atividades, porém sem clube, ficou jogando “peladas”, campeonatos amadores, realizações de testes em times diferentes, até surgir uma oportunidade em um novo clube. O time da vez era o Goiânia, na qual permaneceu uma temporada e logo na sequência foi para o clube do Hidrolandense e também permaneceu apenas uma temporada. Depois desse ciclo, começou o período de sub-20, na qual conseguiu um espaço no time do Aparecida, porém não se firmando, voltou ao time do Goiânia e logo na sequência foi para o time do Anápolis aonde permaneceu.

Entretanto, houve uma mudança na regra da federação goiana de futebol, na qual a categoria sub-20 deixou de existir, passando a ser sub-19. Com isso quem tinha 19 anos passou a ser o último ano naquela categoria, tendo a próxima categoria o profissional, ou seja, aqueles que tinha 1 ano ainda pela frente na categoria de base, passou a ser o último. Que foi o caso do nosso entrevistado A, após acabar a temporada no seu último ano de sub-19, a equipe profissional optou por não integrá-lo ao elenco.

Por uma desilusão, decidiu desistir do futebol com 19 anos e começar uma faculdade. Após 1 ano e meio na graduação, surgiu um convite para fazer teste em um clube da terceira divisão do campeonato goiano, União Esportiva Inhumas, na qual passou e conseguiu estreiar profissionalmente. Depois de 1 ano, foi para o time do Rio verde, entretanto acabou não recebendo muitas oportunidades, e decidiu encerrar a carreira como jogador de futebol profissional aos 22 anos e começou a trabalhar com

loja de roupa produzindo sua marca própria. Ao perguntá-lo se ainda tem o desejo de dar prosseguimento a carreira de jogador profissional, não se poupou em dizer o quanto ainda tem vontade, pois é o que realmente gosta de fazer, entretanto o momento agora é estabilizar no projeto pessoal.

O entrevistado B, compartilhou um pouco da sua relação com o futebol, e sua experiência. Tudo começou desde criança, influenciado pela paixão do pai com o esporte, sua relação com futebol sempre esteve presente, desde ir ao estádio, entrar com jogadores em campo antes das partidas, iniciar escolinha de futebol muito novo (com 5 anos de idade), e ter uma família muito ligada ao futebol. Contudo ele relata: “... eu praticamente fui moldado para ser (jogador profissional)”. Um sonho que até então era do pai, acabou sendo repassado ao filho.

Com 5 anos de idade seu pai o colocou em uma iniciação esportiva, até então era a escolinha do Atlético Goianiense, entretanto por algumas dificuldades passada pelo clube na época, a escolinha acabou por fechar. Não querendo interromper os treinamentos e continuar no futebol, transferiu-se para a escolinha do Vasco em Goiânia. Um tempo depois, devido ao pai ter certos contatos com pessoas influentes dentro do Vila Nova Futebol Clube, acabou indo para lá. No Vila foi aonde tudo fluiu, após um tempo de casa, com 14 anos foi convidado a federar-se pelo clube, e logo em seguida, com 16 anos de idade viveu seu grande momento. Após disputar um campeonato em Maringá-PR, acabou por despertar o interesse de alguns clubes, entre eles o time do Santos. Depois de algumas conversas entre o clube na qual pertencia e o time interessado, acabou sendo transferido para o Santos. Todavia essa negociação foi burocrática e bagunçada, devido ao interesse dos clubes envolvidos, houve um acordo na qual ele se transferiria como jogador profissional, com contrato e todos os trâmites necessários, o qual ocorreu. E, desta forma, se profissionalizou aos 16 anos de idade.

Após 1 ano e meio jogando no Santos, retornou a Goiânia, ficou um breve período e já recebeu um convite para jogar o campeonato estadual sul mato-grossense. Após o campeonato estadual acabar ele retornou a sua cidade natal e decidiu interromper sua carreira, aonde até então era profissional, mas não ganhava um salário adequado para viver daquilo, com 19 anos parou, e começou a trabalhar no cartório do pai de um amigo.

Mesmo trabalhando no novo serviço e deixando o futebol profissional de lado, o esporte amador nunca saiu da sua rotina. Em todas “peladas”, campeonatos, sempre havia pessoas que se encantavam com o seu futebol e o incentivava a retornar aos gramados. Após alguns contatos em Brasília e jogar amigavelmente com pessoas influentes no futebol local, surgiu a oportunidade de jogar no Brasiliense, como dito por ele: “... Fui direto indicado (pro brasiliense), por que assim, futebol infelizmente hoje é máfia. Já fui indicado, tinha um bocado de gente fazendo teste e eu já fui direto pro elenco.” E novamente voltou a frisar: “...Tudo no futebol hoje é indicação”.

Depois de um período em Brasília, o entrevistado teve duas passagens no estado de Santa Catarina, no Metropolitano - SC e no Blumenau - SC. Após observar que viver daquilo não seria o suficiente para sua necessidade, achou que o melhor caminho era parar por ali mesmo sua trajetória como profissional e focar em outros objetivos. Entretanto, como sempre, nem tudo foi fácil, a decisão de parar não foi diferente, foi necessário um trabalho com psicólogo durante um tempo para tratar um início de depressão, o futebol já não era visto mais da mesma forma como ele sonhou um dia. E hoje, com 28 anos tudo está melhor, com objetivos pessoais novos, uma outra visão do futebol, e com bastantes histórias na bagagem.

O entrevistado C, trata-se de um jovem de 23 anos, que pode compartilhar um pouco de sua trajetória. De acordo com ele tudo começou na infância, influenciado pela sociedade, os pais que gostavam bastante do esporte (principalmente o pai), presentes de aniversários como bolas, camisas de times, tudo isso colaborou para o começo da relação com o futebol. Aos 8 anos de idade, entrou pela primeira vez em uma iniciação esportiva já com o desejo de ser jogador profissional, e esse desejo se afluorou mais, principalmente quando era perguntado o que queria ser quando crescer, e a resposta sempre era a mesma: quero ser jogador de futebol.

Ao começar pela primeira vez em uma escolinha de futebol particular da cidade (Inhumas – GO) e ir desenvolvendo, foram aparecendo bolsas para que ele permanecesse treinando. Depois de 1 ano, a escolinha do time principal da cidade o convidou para fazer parte do time, sem “pensar duas vezes” ele foi, jogou e foi fundamental para seu desenvolvimento. Após um certo período veio a Goiânia, capital do estado, e ficou cerca de 2 anos jogando na equipe da ovél, um time conhecido por ter categorias de base fortes e revelar alguns jogadores a nível nacional. Após ficar

esse período jogando na equipe goiana, voltou para sua cidade natal, aonde disputou mais um campeonato de base pelo time local, isso aos 15 anos de idade. Depois de um período surgiu a oportunidade de voltar a Goiânia, agora atuando pelo Atlético Goianiense. Até então no novo clube, chegou para atuar na equipe sub 17 (mesmo ainda não tendo a idade) e lá ficou até o sub 20. Inclusive o entrevistado ressalta que essa fase no futebol foi umas das mais difíceis encontradas por ele, devido ao fato de morar no interior do estado, tinha que andar um percurso cerca de 50 km até Goiânia todos os dias para treinar e depois mais 50 km para voltar. O que além do cansaço da rotina, a questão escolar também ficava muito prejudicada, pois devido ao fato de depender de ônibus e pegá-lo no horário certo, quase sempre tinha que sair da escola 30 minutos antes do encerramento para não chegar atrasado ao treino. Contudo aos 18 anos de idade, após encerrar seu ciclo letivo, conseguiu mudar para o alojamento da equipe (Atlético Goianiense) e ficou lá até o sub 20 aonde não conseguiu ser aproveitado para o elenco profissional e foi dispensado. Entretanto ao sair do clube aos 19 anos, 1 ano depois conseguiu realizar o sonho de se profissionalizar, e jogar um campeonato profissional pelo clube de sua cidade, o União Esportiva Inhumas Futebol Clube que disputou a terceira divisão do campeonato goiano. Após finalizar esse campeonato, o atleta até chegou a receber propostas (não muito concretas) de clube de outros estados, mas optou por encerrar ali suas atividades como profissional e dar sequência aos estudos.

Como forma de iniciação aos estudos, partiremos pela origem dos fatos, tentando entender o porquê desse desejo por milhares de crianças, jovens e adultos no país. A princípio iremos ressaltar como surgiu o esporte e como ele começou a se desenvolver em território brasileiro, buscando entender um pouco da sua influência perante a sociedade, seu mercado, entre outros fatores.

2. UMA ANÁLISE HISTÓRICA E CULTURAL DO FUTEBOL

Apesar de conhecermos o futebol atual como um fenômeno esportivo e social capaz de interferir e transformar cenários econômicos e culturais de uma sociedade, devido seu grande apelo populacional, existe um outro lado da história na qual tudo começou. Há diversos registros sobre a origem do futebol pelo mundo, onde não necessariamente era o esporte que conhecemos hoje. Mas sim atividades semelhantes ao futebol introduzida em várias áreas da sociedade com intuítos distintos, exemplos de: treinamentos militares, ritos culturais e celebrações pós guerras, apenas com a representação da bola e a utilização de mãos e pés para jogar. Contudo, é na Inglaterra que veremos um conjunto de jogabilidade mais parecido com o futebol contemporâneo.

2.1 Participação inglesa na origem do futebol brasileiro

A paixão dos ingleses envolvendo o esporte com bola era tamanha, que escolas locais começaram a introduzi-las como atividades físicas no começo do século XIX na Inglaterra. Cada escola tinha sua maneira específica de jogar, o que dificultava bastante chegar a um consenso entre as regras. Pois algumas utilizavam as mãos para passar a bola entre as marcas almejadas, e outros utilizavam os pés. Havendo assim a necessidade de difundi-los e diferencia-los. Se tornando hoje o que conhecemos como rúgbi e futebol. (VIEIRA; FREITAS, apud RAMOS, 2008)

Com a popularização do futebol na civilização inglesa, junto com a representatividade de clubes e escolas londrinas, foi fundada a “Football Association”. Na qual formularam as primeiras regras universais do futebol em 8 de dezembro de 1863. (VIEIRA; FREITAS, apud RAMOS, 2008)

Tomando como ponto de partida o esporte no Brasil, em 1894 Charles Miller foi o responsável por inserir o esporte no País. Após estudar um período na Inglaterra, trouxe consigo em sua bagagem, bolas e materiais de futebol que permitiram a prática do jogo em território brasileiro. Charles organizou o primeiro jogo no Brasil, contando com a participação de trabalhadores de bancos e companhias de gases instalado em

terras nacionais. A partir de então o esporte veio a valorizar e popularizar de maneira lenta e gradual.

No Brasil, esse esporte se introduz precisamente na classe dominante, numa elite extremamente sofisticada e ávida por aprender a jogar o football introduzido pelos técnicos ingleses, altos funcionários da Companhia Progresso Industrial e fundadores do "The Bangu Athletic Club" em 1904, no Rio de Janeiro. E, ao contrário do que se possa pensar, inicialmente os operários da fábrica Bangu estavam impedidos de praticá-lo. Até porque a bola era objeto importado e, por conseguinte, inacessível a esses trabalhadores. (CALDAS, 1986, p. 26).

Apenas a nobreza era aceita em clubes para a prática do futebol, com isso proibindo a entrada de classes inferiores e dificultando o acesso destes com o jogo. O que restava então há essa parcela excluída da sociedade, era a criação de um jogo mais informal, capaz de promover e permitir um maior contato possível com o futebol (até então impedidos de desempenhar pela nobreza), surgindo assim a famosa "pelada" como conhecemos vulgarmente. (VIANA, 2012).

Todavia, a chegada do futebol no Brasil causa certa polêmica com relação a sua origem até mesmo nos dias atuais, muitos tratam o futebol introduzido no país por Miller como a versão "oficial", entretanto a quem afirma que o esporte já era praticado no local. (GIGLIO, 2007).

Poucos estudos partem do princípio que o futebol já era realizado no país, e a grande maioria enaltece Charles Miller como o introdutor do esporte. Contudo, deve-se ressaltar que a disseminação do futebol apesar de ser dada como crédito apenas a uma pessoa, vários fatores foram relevantes nesse processo, como os próprios trabalhadores, participantes dos clubes de elite, e estudantes, todos esses tiveram um papel fundamental na propagação do esporte no país se assemelhando assim, a forma como ocorreu na Inglaterra. (GIGLIO, 2007).

O interesse dos brasileiros pelo futebol foi crescendo a partir da década de 10 e mais incentivado ainda com o advento do rádio, que se deu na década de 30, no Brasil, e, posteriormente, com a televisão, na década de 50, ainda em preto e branco... Este panorama foi se modificando a partir de 1933 com o profissionalismo no futebol. A imprensa (principalmente os jornais) ampliou os espaços dedicados ao futebol. Os locutores esportivos de rádio também tiveram grande contribuição. (REIS, 1998, p. 37).

Após muitos anos de conflitos envolvendo o futebol brasileiro, entre "trancos e barrancos", brigas e exclusões, este ainda sim apresentava uma crescente gradativa nas camadas sociais, ganhando ainda mais apelo popular. Principalmente com advento do rádio por volta de 1930, e posteriormente da tv em 1950. Fato é, com a

ascensão da mídia, rádios, jornais e tvs, o alcance populacional se tornou muito maior, favorecendo o crescimento do esporte, voltando o interesse do público para o futebol, assim ganhando mais adeptos e interessados. Em 1933 o futebol brasileiro se tornou profissional, nascendo então o primeiro campeonato brasileiro de futebol. (REIS, 1998).

Era evidente ali, como o futebol começava a exercer sua influência perante a sociedade contribuindo para a prática do esporte, relações sociais, criação de competições e maior atenção do público. Enfim, uma relação de amor que estava apenas por começar.

2.2 Futebol, um fenômeno esportivo e social

De acordo com Caldas (1986), em consequência do futebol se tornar um fenômeno social de grande apelo populacional, acabou se transformando em tema de debates por diversos veículos de comunicação. Principalmente de cunho político, social e ideológico, na qual algumas opiniões se divergiam a respeito da função do futebol na sociedade.

Em virtude do fator lúdico, alguns analistas alertam sobre o perigo como o assunto é tratado. Pois alguns acreditam que o futebol saiu do seu eixo central (diversão, esporte, brincadeira), passando a atuar como uma "maquiagem" de problemas sociais que acercam a sociedade brasileira, como: desemprego, desigualdade social, má distribuição de renda, dentre outros. Atuando assim, como instrumento de manipulação da classe superior sobre as classes inferiores. (CALDAS, 1986).

Fato é que, muitos fenômenos sociais com grande relevância populacional, assim como o futebol, acabam gerando conspirações políticas (até mesmo maquiavélicas) que tendem para um lado da história. Obtendo assim, uma visão unilateral do processo, nem sempre condizente com a realidade. Principalmente a respeito do futebol, não podemos afirmar e nem generalizar que este se trata apenas como um instrumento de manobra das massas. O futebol no Brasil surgiu por uma elite extremamente aprimorada, com a exclusão absoluta das classes mais baixas, principalmente devido a bola ser um objeto importado da época, talvez assim surgindo

com esse propósito. Mas, afirmar que este ainda é o interesse central do esporte, ludibriar camadas sociais e políticas, seria apenas uma visão tola e irresponsável de um dos maiores patrimônios histórico culturais da sociedade.

Não é por acaso que o Brasil é considerado o país do futebol, pertencentes a quase todas as camadas sociais do país, e afirmar com tanta veracidade essa questão de ludibriar a social, seria negar toda a história e luta que ocorreu durante esse período.

De acordo com Damatta (1994), um dos motivos do futebol se tornar o esporte mais popular do país decorreu ao fato de simbolizar a ideia de coletividade exclusiva. Ao compararmos a prática do jogo coletivo, junta a estrutura familiar de uma casa, podemos relacionar alguns afazeres em comum, pois em ambas precisam da cooperação de todos envolvidos. Em um jogo de futebol, se trabalha o lado coletivo em prol de um objetivo específico, seja atacar ou defender. Já na estrutura familiar todos precisam colaborar também em prol de um único objetivo, no caso o sustento da casa, seja com afazeres domésticos, trabalho, manutenção, entre outros, de qualquer forma, assim simbolizando essa ideia coletiva.

Partindo para um campo mais ideológico, certas representatividades transcendem praticar o esporte, em nosso caso “jogar” o futebol, para o campo do torcer e acompanhar. Alianças essas, que idealizam um novo conceito de família para aquilo que o engloba e tem em comum, fatores pertencentes a de uma torcida de time de futebol.

Elos que recriam num nível moderno a ideia de família como comunidade que nos engloba. É certo, mas agora, pelo time de futebol essa comunidade que se escolhe voluntariamente. Pois no processo de socialização brasileiro, processo no qual há um controle muito grande dos pais sobre os filhos, dos mais velhos sobre os mais novos e dos homens sobre as mulheres, a escolha do time de futebol é obrigatória, mas deixando livre e ao sabor dos desejos individuais. Os pais podem determinar tudo: como dormir, como andar, como sentar, como vestir, como falar, como rezar, com quem quer casar, que carreira seguir e como votar. Mas “torcer” é uma área significativamente aberta, deixada ao sabor das preferências individuais. (DAMATTA, 1994, p. 16).

No processo de socialização brasileiro, a influência e interferência dos pais sobre os filhos, marido e esposa, mais velho sobre os mais novos, acabam sendo muito relevantes. Principalmente no sentido de escolher um time para torcer (talvez até mesmo nem gostando do esporte), porém devido a popularização de tal, acaba que a própria sociedade impõe uma escolha. Acontecendo de nem sempre ser a

mesma escolha daquele meio que o cerca, mas sim uma diferente de acordo com as preferencias individuais. (DAMATTA, 1994).

Certamente por tudo isso e mais um pouco, que o futebol se apresenta como instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da sociedade brasileira. Principalmente por ser forte "arma" no processo de interação social. (DAMATTA, 1994).

Se tratando do esporte mais popular do mundo e da nação mais vitoriosa na principal competição mundial (pentacampeã) o reflexo deste feito não seria diferente na sociedade brasileira. Ainda mais com um jeito característico de jogar, a malemolência, e o jeito "moleque" e habilidoso de ser, o futebol brasileiro ficou caracterizado no mundo inteiro assim. A cada esquina que olhamos, em várias regiões do Brasil, podemos observar um campo ou um espaço para jogar futebol. É muito comum observamos a representatividade do "jogo em si", nas ruas, apenas com a utilização de bolas e chinelas. Fato é, que em todos os lugares a uma representação do futebol de forma informal devido sua simplicidade, fácil acesso e aplicações das regras. Representando assim o esporte mais popular no mundo e no país.

O DNA do futebol brasileiro sempre foi identificado por características marcantes e peculiares, centradas no lazer, diversão e expressão popular. Se tratando de um esporte elitista no Brasil em sua origem, este sempre foi fator de mobilização de grande parte da população em diversas classes sociais. No entanto este assim como em outros esportes, sofreu e vem sofrendo transformações expressivas no campo de gestão administrativa, atraindo instituições financeiras, marketing esportivo. Consequentemente saindo do seu caráter lúdico, dando espaço a lógica mercantilista. (GONÇALVES; CARVALHO, 2006).

2.3 Mercantilização do futebol

Assim como no Brasil e no mundo, o futebol começou se organizar entre o século XIX e XX como atividade civil e lúdica que auxilia na qualidade de vida de seus praticantes. Entretanto, com as novas organizações e interesses, o futebol ocupou a área do produto, vendo assim oportunidades de realizarem negócios. É claro que ainda podemos ver ócios do ofício, resquícios de lazer e ludicidade nos campos de

futebol de várzea representados pelo Brasil, idealizando um “futebol arte” explorando laços afetivos em confraternizações. (GONÇALVES; CARVALHO, 2006).

De acordo com Gonçalves; Carvalho (2006) por volta da segunda metade do século XX, a exploração e a promoção de eventos baseados no futebol, praticado por atletas profissionais, tornou-se atividade econômica organizada com características comerciais através da organização de eventos, e a exploração de prestações de serviços de profissionais da área em busca do resultado econômico.

Com a nova ideia de gestão no futebol brasileiro, a relação competição – empresa trouxe uma pressão maior no mercado a fim de ter o melhor profissional credenciado na área, levando em conta desde os bastidores até os jogadores, assim transformando seus envolvidos em mercadoria. Buscar novas estratégias de ações, recursos, dirigentes executivos, jogadas de marketing, afim de elevar a marca ou time representado e se sobressair sobre os outros. (GONÇALVES; CARVALHO, 2006).

É inegável o papel do Estado como agente dessas mudanças, mediante alterações no marco legal do futebol. Como exemplo, cita-se a promulgação da Lei nº 9.615, de 24-3-1998, comumente denominada “Lei Pelé”, que adota a obrigatoriedade da transformação dos clubes sociais em “clubes-empresa”. Concomitantemente, percebe-se a fragmentação de valores sociais outrora fortemente legitimados na “instituição futebol”. Da integração e convívio social por parte dos participantes dessa instituição, passou-se para o vislumbrar de um “mercado potencial e uma oportunidade de negócio”. Hoje, o torcedor é visto como “consumidor” por grande parte dos gestores e entidades futebolísticas; o jogador é tido como “mercadoria” para os clubes e o futebol como “produto e ativo financeiro” para os parceiros envolvidos nesse “jogo/empreendimento”. (GONÇALVES; CARVALHO, 2006, p. 9).

Não podemos negar que a bilheteria de jogos ainda é um fator determinante na receita financeira dos clubes. Entretanto não a única, a exposição do futebol acaba sendo muito grande na mídia, principalmente com a crescente globalização que temos hoje em dia, que a circulação e exposição de imagem é muito rápido e prático. Atraindo assim outros meios de arrecadação, como exemplo as empresas patrocinadoras, que vão em busca de maior exposição da marca, através de uma marca já existem, no caso os clubes de futebol.

Fato que podemos observar nas camisas de times, é muito comum vermos logomarcas de empresas estampadas em diferentes locais de uma única camisa (variando a posição estampada, de acordo com o preço pago. Ou seja, uma marca estampada no centro da camisa exigirá um valor de patrocínio maior que localizada na manga). Enfim, a exposição da marca e o ganho agregado com a visibilidade e

propaganda, pode gerar um ganho mútuo para ambos, fazendo assim um negócio lucrativo, e o time de futebol não se tornando refém apenas das receitas de bilheterias.

Não menos importante, o processo de transferência e negociações de jogadores se tornou algo indispensável para a sobrevivência dos clubes profissionais, principalmente para aqueles que apresentam uma folha de gastos alta.

Com o passar do tempo o sistema de transferências foi se intensificando e abrindo portas para emigrantes, com a expansão do processo, nos últimos anos o fluxo migratório aumentou, fazendo-se valer verdadeiros celeiros de exportação e serviços especializados pelo mundo. Com relação ao Brasil, o motivo da crescente transferência de jogadores brasileiros para o exterior está relacionada aos seguintes fatos: o limite de empregabilidade do mercado do interno; os interesses competitivos e financeiros dos clubes estrangeiros com maior capital financeiro; a relação custo/benefício na importação desses serviços especializados, entre outros. (SOARES et al, 2011).

Durante o período de 2003 a 2009 emigraram para o exterior 6.648 jogadores brasileiros. Desse montante, o continente europeu foi o que recebeu mais futebolistas: 3.593, número que representa 54,0% de todas as transferências realizadas para o exterior. O continente asiático foi o segundo maior importador com 23,0% das transferências, totalizando 1.528 jogadores. Com pouco mais de 10%, a América do Sul é o terceiro maior destino dos jogadores brasileiros, com 694 atletas transferidos no período. Os demais continentes não são os destinos preferidos dos brasileiros, como é demonstrado pelos números apresentados: América Central (2,8%), América do Norte (3,4%), África (1,7%), Oceania (0,6%) e os países transcontinentais (4,1%). (SOARES et al, 2011, p. 910).

Não se pode negar que é desejo de muitos jovens realizar o sonho de jogar profissionalmente, além de atuar fora do seu país de origem. E, geralmente a escolha do destino acaba não sendo pelo poder esportivo que o país pode oferecer, mas sim, devido a oportunidade que muitos países sem tradição no futebol conseguem proporcionar, como: condições de trabalho, salários satisfatórios, qualidade de vida, que ao ser comparado com muitos clubes de poderes aquisitivos baixo no Brasil, não conseguem proporcionar o mesmo que esses países conseguem. (SOARES et al, 2011).

3. FATORES DE INTERFERÊNCIA NA PROFISSIONALIZAÇÃO JUNTO À ANÁLISE DE DADOS DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo faremos uma análise dos dados coletados através das entrevistas, buscando entender alguns fatores de interferência na profissionalização de um jogador de futebol. A princípio, buscaremos analisar e entender algumas formas de entrada dos atletas nos clubes de futebol. Após a realização das entrevistas, respectivamente sobre o tema “fatores de interferência para o prosseguimento na carreira de jogador profissional”, obtivemos algumas respostas variadas, porém com um certo padrão entre elas. Todos mencionaram sobre os seguintes fatos: questões financeiras; estudos; empresários no futebol. Todavia, vamos falar sobre cada tópico separadamente.

3.1 Formas de entrada nos clubes de futebol

O caminho para se tornar jogador de futebol pode ser mais árduo que a maioria imagina. O tão cobiçado e desejado sonho por diversos jovens, adolescentes e até mesmo adultos, decorre por uma luta que transcende o desejo próprio, passando a depender de fatores externos e fora de um auto controle. Não é apenas o “querer ser jogador de futebol”, mas sim o preço que estará disposto a pagar por isso. Em sua maioria, a conta começa a ser paga enquanto criança, ao sair de casa sozinho para realizar um sonho que está apenas por iniciar, porém sem saber o desfecho final da história. Fato é que a carreira profissional de um atleta é muito incerta, desde a luta para conseguir um time, até mesmo para se manter. É necessário um desempenho máximo a quase todo momento, enfrentando uma rotina puxada de treinos e viagens, saudades da família, e até mesmo contusões, que dependendo da gravidade pode dar pontos finais a uma carreira que estava apenas por começar.

Visto o futebol como forma de ascensão social, capaz de mudar cenários financeiros e familiares, e se tratando do principal esporte do país, o sonho de se tornar jogador de futebol começa desde muito novo e perdura até a fase adulta.

Os meninos que ingressam nos clubes de futebol o fazem por duas maneiras: pelas peneiras ou pela indicação de alguém, seja o diretor, pai, empresário, olheiro do time etc. De maneira geral, nos últimos anos, os clubes abandonaram a peneira como uma forma de seleção de futuros jogadores. O São Paulo e o São Caetano recrutam seus jovens jogadores apenas por indicação, pois a realização da peneira envolvia muito trabalho e pouco resultado. (GIGLIO, 2007, p. 108).

De acordo com (GIGLIO, 2007) o futebol assim como qualquer outro esporte de alto rendimento apresenta um paradoxo muito grande relacionado a ascensão social. Ao mesmo tempo que vários buscam o mesmo objetivo, uma parcela é excluída e impedida de realizar o mesmo desejo.

Infelizmente as dificuldades surgem desde o princípio na busca de se tornar profissional. Nem todos tem condições de começar em uma iniciação esportiva auxiliando no aprimoramento técnico, ou além, ter uma visibilidade diária com a comissão técnica. Restando assim a entrada nos clubes através de testes, peneiras (avaliação técnica junto a outras pessoas que também estão sendo avaliadas, diferentemente de testes que se faz junto ao elenco principal do clube) ou indicações de pessoas influentes.

Os dados coletados por Toledo (2002), revelam uma face pouco conhecida do futebol. Dos jogadores que disputam uma vaga no São Paulo, estatisticamente, menos de 1% são aprovados. Em 1996, o número de pretendentes a uma vaga foram 4.000 garotos, no entanto, somente dois permaneceram no clube. E, além disso, ser aprovado não significa que chegará às outras categorias. (GIGLIO, 2007, p. 109).

Podemos presumir que a vida do jogador de futebol é uma eterna avaliação sem fim, desde as primeiras avaliações, até o fim da carreira. Claro que o processo como um todo não acorrerá de forma retilínea, serão processos avaliativos diferentes.

Vejamos bem, para ser aprovado em algum time ou clube de futebol o candidato em questão deve se mostrar melhor e mais preparado não só com seus concorrentes, mas principalmente a quem tem uma vaga ali “garantida,” que treina diariamente com elenco e está preparado. Não basta ser igual, tem que ser superior, porque entre o certo e o duvidoso a comissão técnica optará por aqueles que eles já conhecem e sabem da capacidade.

Dificuldades como essas serão primárias em um processo avaliativo tão complexo pela frente. Em caso de aprovação, a luta muda de cenário, aquela que perdurou na busca de uma vaga, se torna uma luta pela permanência. Uma luta diária provando o porquê de estar lá. É necessário um desempenho alto quase que a todo momento, a concorrência por uma vaga ali é muito grande, cada deslize ou rendimento abaixo do esperado, pode concretizar uma despesa e até mesmo o fim de um sonho. (GIGLIO, 2007) afirmava que ao fazer parte de um time o mais difícil é se manter no

elenco, e que uma dispensa prematura pode representar o recomeço do processo em outro time, ou o fim de um sonho.

Definitivamente se manter em ascensão se torna a parte mais difícil do processo. Após se mostrar qualificado a estar no time, os próximos passos são mudanças de categorias, até subir aos profissionais aonde uma pequena parte dos atletas conseguem um espaço, e realizam parte do sonho.

É isso mesmo, a chegada até lá não representa a concretização de um sonho, principalmente aos que anseiam mudanças financeiras no cenário familiar. É como dito anteriormente, a carreira do jogador de futebol é representada por processos avaliativos que vão desde o início até a aposentadoria. Após subir aos profissionais, o valor de mercado do atleta passa a ser representado pelo desempenho deste em campo e até mesmo fora dele. Má atuações, condições físicas inapropriadas, escândalos particulares, todos estes podem representar o fim de uma carreira seja ela prematura ou mesmo bem sucedida até então.

O caso do Internacional de Porto Alegre se assemelha muito ao do São Paulo. Os dados de Damo (2005) revelam que nos anos entre 2004 e 2005 nenhum atleta das categorias de base ingressou na equipe profissional. Quando muito, a realidade do clube mostra que de três a quatro jogadores são promovidos por ano ao profissional. Muitos são testados e logo dispensados, enquanto outros não recebem oportunidades. (GIGLIO, 2007, p. 109).

Fato é que são processos avaliativos que devem ser passados com louvor para a construção sólida de uma carreira, e que infelizmente grande parte dos atletas tem interrompida antes da chegada ao profissional, ou logo após ela.

As formas de entradas nos clubes nunca foram segredo para ninguém, dentre a que o senso comum sabe e após o relato de nossos participantes, podemos observar que essas entradas são feitas através de testes, indicações, questões empresariais, ou peneiras. Entretanto a respeito dessa última, no caso a famosa “peneira” temos uma ressalva a se fazer. Assim como já dito no início do capítulo, aonde GIGLIO (2007) afirma que o time do São Paulo e do São Caetano não se interessavam mais por tal processo avaliativo, um de nossos participantes acabou por fazer uma denúncia relacionada ao tema. O entrevistado B relatou que já vivenciou situações em clubes por onde passou que o time a véspera de um campeonato importante e sem caixa financeiro, acaba realizando uma “peneirada” apenas para arrecadação em prol do clube e não com o intuito de revelar um jogador.

Como relatado por nossos participantes, boa parte dos jovens que conseguem uma vaga em times, acaba ocorrendo por indicações, e apenas uma minoria é descoberta através de testes, peneiras, e até mesmo no futebol de várzea. Que por sinal, nos dias atuais, acabou repercutindo muito devido alguns jogadores famosos a nível nacional terem saído de lá. Como o caso dos jogadores do Flamengo Bruno Henrique e Michael e o jogador do Palmeiras Patrick de Paula que foi descoberto através de um campeonato de várzea.

Acaba que tais situações, estimulam muitos jovens que lutam por uma oportunidade e não tem contatos para isso, apostarem um pouco de suas fichas no futebol amador. Nosso entrevistado A ressaltou a pouca chance que o futebol amador pode ofertar, mas se tem a chance deve-se arriscar, dando seu melhor, desempenho máximo, por que nunca se sabe quando uma oportunidade vai aparecer, ou alguém influente vai estar de olho. O entrevistado B nos contou um pouco do olhar dos clubes para esse público, relatando que isso acontece mais com times menores que jogam campeonatos estaduais de divisões de acesso, onde procuram um material humano bom, e sem muito custo, ou seja, ficam de olho em campeonatos de várzea com nível técnico bom, unindo o útil ao agradável, pois muitos ali ainda sonham com a oportunidade de jogar, mesmo sabendo da realidade proposta pelo clube, mas com a chance de se destacarem e viverem atrás do sonho de serem jogadores de futebol.

De todo modo, essas formas de entrada aos clubes não deixam de ser a realidade, aonde uma maioria consegue através de indicações e uma pequena parcela consegue através de peneiras e várzea. Fato é, que até para fazer testes hoje em dia, é necessária uma indicação aonde o atleta ficará em observação. Todavia, todas formas são válidas para quem sonha em jogar futebol profissionalmente, apenas tem que estar disposto e preparado para as oportunidades, isso se elas surgirem.

3.2 Questões financeiras

Hoje no Brasil apesar do sonho da maioria dos jovens de se tornar um jogador de futebol profissional, com salários astronômicos, mudando a condição financeira da família, a realidade é completamente oposta. De acordo com uma matéria publicada

pelo Money times, cerca de 88% dos jogadores ganham salários até 5 mil reais, e apenas 22% ganham superior a essa margem. O Brasil possui mais ou menos 360 mil atletas registrados, sendo desses apenas 25% profissionais. De acordo com dados salariais, apenas 55% desses atletas ganham o equivalente a um salário mínimo por mês, 33% ganham entre R\$1.001 a R\$5.000, e os 12% restantes ganham acima de R\$5.000.

Com os nossos entrevistados não foi diferente, todos relataram essa questão salarial, mesmo que indiretamente. De acordo com nosso entrevistado A, após ficar sem clube e parar de jogar, ele colocou outros projetos pessoais à frente do futebol, principalmente devido às questões financeiras, abrindo assim uma loja de roupas, a fim de crescer financeiramente. E só assim, após tiver estabilizado, pensa em tentar retornar aos campos apenas pelo prazer pessoal e o gosto em jogar se tiver a oportunidade. Mas para isso deseja primeiro consolidar a vida financeira, justamente por saber a dificuldade que o futebol apresenta e o pouco tempo de carreira que é.

Já o entrevistado B em vários momentos apontou esta questão, principalmente como motivo do primeiro abandono ao futebol, como dito por ele: "... decidi parar de jogar bola, estava com 19 anos e fui trabalhar em um cartório. Até então nada estava dando certo, eu era profissional, mas não estava ganhando dinheiro". Em vários momentos ele frisou essa relação do sonho, mas tendo sempre um custo por trás, aonde ele precisa se sustentar, e não dá para viver nessa sempre. Foi aonde ele parou, e desanimou com a realidade do futebol profissional, afirmando que esses times menores geralmente são "mais do mesmo", muda os clubes, porém a realidade é a mesma. Em contrapartida ele afirma: "... quando o cara quer buscar o topo do futebol, o cara se sujeita a tudo, a jogar de graça, trabalhar de graça, o cara tira do bolso dele para pagar transferência, principalmente no começo". E logo depois complementa: "via colegas de trabalho que não recebiam, jogavam e não recebiam".

O entrevistado C segue um pouco nesse contexto falado pelo entrevistado B. Ao jogar profissional pela primeira vez, surgiu propostas para jogar em outros lugares, porém como dito pelo nosso participante acima, muda o time, mas a realidade não. Jogando sem receber, pouca estrutura, nada muito concreto, incerteza de um futuro. Motivos na qual acaba sendo fundamental para uma tomada de decisão, o que de fato acabou ocorrendo. Partiu para outros objetivos e deixando o sonho de lado. O

participante C também relatou sobre alguns acontecimentos ao seu redor, na qual muitos meninos bons de bola, acaba deixando o esporte de lado para sustentar a família, ou a si próprio, justificando que o futebol (principalmente no começo) em suma maioria não oferece essa segurança financeira.

3.3 Estudos

A expectativa depositada por milhares de jovens brasileiros no futebol vai além de um sonho, se torna um modelo de vida moldado gradativamente durante a infância até a fase adulta. Isto é, o tempo de vida dedicado a se tornar profissional é tamanho, que em caso de frustração as consequências podem representar danos difíceis de serem reversíveis. Até porque se trata de uma vida inteira dedicada em prol de um sonho.

Não é por acaso que o Brasil é considerado por brasileiros e estrangeiros como o país do futebol. De acordo com Souza; Vaz; Bartholo; Soares (2008), uma entrevista realizada com o jogador francês Thierry Henry em matéria do jornal Folha de S. Paulo ressaltou que o talento do jogador brasileiro é fruto de já nascerem jogando futebol, passando horas do dia praticando, desde muito jovens. E que na França é diferente, crianças francesas são obrigadas a frequentarem escolas com período integral, e depois realizarem deveres de casa, justificando assim a falta de tempo para a prática do esporte durante os dias da semana.

Vejamos, ao analisar esse ponto de vista, seria correto justificar parte do processo colocando a culpa no sistema educacional? Melhor, poderíamos dizer que se trata de prioridades familiares? um pai prefere apostar as fichas de um filho em um futuro inserto no esporte, ao invés da educação? É realmente necessário escolher entre um e outro?

O futebol, pela rede de significados que envolve no Brasil, se torna um projeto de vida principalmente para as famílias de camadas populares, quando vislumbram em casa algum jovem com talento para o esporte. Os investimentos familiares⁴ se transformam em histórias de sacrifício e dedicação que resultam em sucesso ou em frustração na biografia de muitos daqueles que se aventuram na construção de uma carreira profissional. (Souza; Vaz; Bartholo; Soares, 2008, p. 88).

É delicado chegarmos a uma resposta concreta sobre estes questionamentos. Se tratando do maior esporte do país, um patrimônio histórico cultural que é repassado

de geração a geração, o futebol está inerente na maioria da população brasileira, em que se tornar profissional ou ter algum parente ou conhecido nesse patamar, se torna uma realização pessoal.

A escolha desse sonho muitas vezes transcende o lado pessoal e se torna um projeto familiar, na qual o ápice do processo seria o sucesso do jogador e a melhora na estrutura familiar. O tempo gasto na preparação de um jogador de futebol no Brasil pode configurar-se, em última análise, até mesmo como trabalho infantil, claro que em cargas muito menores e mais lúdicas ao ser comparada com serviços informais do campo e da cidade. (SOUZA; VAZ; BARTHOLO; SOARES, 2008)

Para exemplificar, o atleta que começa na categoria mirim aos 12 anos (idade equivalente ao sexto ano escolar) se completasse o ensino médio aos 17 anos (quando estaria no último ano da categoria sub-17) teria tido, uma carga horária de 4.800 horas na escola contra 4.165 horas de treinamento no futebol, sem contarmos os jogos nos finais de semana. Isso nos permite vislumbrar o significado do tempo gasto para a formação no futebol (MELO apud SOARES et al, 2011, p. 914).

A formação de um atleta no futebol pode-se iniciar a partir dos 12 anos de idade, até mesmo em regime de albergamento com uma duração aproximada de 5.000 a 6.000 horas de trabalho. (DAMO apud SOARES et al, 2011).

De modo geral é nesse período da vida que a educação básica do jovem exige maior dedicação e mais tempo, para que assim possa dar uma base de conhecimento gerando no futuro uma qualificação para entrar no mercado de trabalho. (SOARES et al, 2011).

Contudo, seria realmente necessário o atleta escolher entre a carreira profissional no esporte ou a escolarização?

Colocando como exemplo jogadores da categoria sub-15, eles geralmente treinam uma vez por dia, em determinado período (matutino ou vespertino) sendo assim sobrando o turno oposto para estudarem. Entretanto quando sobem de categoria, essa realidade muda. No sub-17 o time já pode programar treinos em ambos períodos por dia, desta forma levando os atletas a estudarem no período da noite, pois este seria o único possível. (SOARES et al, 2011).

Deste modo, atletas do sub-17 e sub-20 tem por parcela uma maioria fazendo ensino médio, uma pequena parte fazendo o ensino fundamental, alguns abandonam

a formação escolar e pouquíssimo no ensino superior. (DAMO apud SOARES et al, 2011).

Presumimos então, através dos dados analisados que o atleta em formação à medida que vai progredindo em categorias e chega próximo ao profissional, maior é sua carga horaria dedicada ao futebol, conseqüentemente sobrando menos tempo para dedicação escolar. Essa dedicação deixa bem clara que a formação educacional se torna secundário na vida do atleta em questão, onde a prioridade é o futebol, que este não parece tão fundamental para o triunfo na carreira de jogador profissional, dependendo muito mais do desempenho esportivo. (SOARES et al, 2011).

Os centros de formações de atletas de futebol no Brasil atuam sem nenhuma supervisão ou política pedagógica de estado, apesar de estarem dentro dos limites legais, na qual são livres para definir as cargas de treinamento, e profissionais para atuarem na instituição. (DAMO apud SOARES et al, 2011). Por outro lado, o discurso oficiais dos clubes presam que os jovens atletas são obrigados a estudarem, entretanto, a maioria dos times formadores não acompanha a trajetória escolar do atleta. (MELO apud SOARES et al, 2011).

Presumimos que o futebol brasileiro tem muito a aprender, modificar e evoluir a respeito da sistematização da escola e o futebol de alto rendimento. Contudo não se trata de um problema no sistema educacional em si, mas sim uma falha na formação dos jovens atletas, por parte dos clubes, que dão a “opção de escolha” entre a vida de atleta ou a formação escolar. Sendo que é importante administrar com excelência ambos no decorrer do processo, e necessário, pois uma chegada até o sub-20 não significa uma carreira profissional no futebol.

Podemos ver o exemplo dessa conciliação em alguns países de ponta da Europa. Como o caso da França, conhecida por ser um centro exportador de jogadores, a política governamental exige que tenha compatibilidade entre a formação de jogador e o processo de escolarização. (DAMO apud SOARES et al, 2011).

Justificando assim a fala do jogador francês Thierry Henry, que tentou salientar em sua fala o motivo do sucesso futebolístico do Brasil devido excesso da prática no esporte relacionada a pouca exigência escolar, pois na França seria diferente, o oposto para ser mais exato, muita exigência escolar, sem o excesso da pratica no futebol (no processo de formação).

O estudo para quem sonha em jogar futebol profissional, pode se tornar um dilema inevitável em algum momento da vida. Assim como já descrito nesse trabalho a respeito da escolarização e a rotina do atleta, estes acabam que se divergem em certa fase da vida. Principalmente se tratando de algo cultural do jovem brasileiro, que só pensa no sonho, muitos deixam o estudo de lado e esquecem que a carreira futebolística é curta e tem uma vida inteira pela frente após a aposentadoria, sem contar certas frustrações no meio do caminho que podem vir a acontecer. Pensando nisso, foi abordado aos entrevistados o suposto tema: como você enxerga essa relação estudos e futebol? É possível caminhar juntos? Para surpresa e melhor compreensão do nosso estudo, todos responderam de forma clara, e aparentemente todos eles citaram situações sobre o tema antes mesmo de serem perguntados.

O entrevistado A apontou essas questões de estudos logo de cara. Contando um pouco de sua trajetória, ele relata: "... no profissional não me aproveitaram, aí eu desistir de jogar, decidi desistir. Comecei uma faculdade, fiz 1 ano e meio". Podemos observar assim, que a faculdade foi a segunda opção para um modelo de vida. Após ser questionado sobre essa relação, o entrevistado relata que tal assunto acaba sendo um fator de interferência negativa, porque quando se está atrás do sonho, o atleta larga estudo, larga trabalho, por algo que não tem a certeza que irá dar certo. E, em caso de frustração, o tempo perdido será grande, restando apenas correr atrás do prejuízo. Porém ele também ressalta que é bom tentar enquanto está novo, pois sobrar mais tempo para recuperá-lo. Ao ser perguntado sobre sua experiência no assunto ele relata: "... o terceiro ano eu consegui concluir, eu só não fiz faculdade mesmo porque eu não quis, surgiu a oportunidade no futebol e eu achei que não daria para conciliar os dois". De certo modo, entrando naqueles dados já abordados, onde o atleta acaba priorizando um ou outro.

Já o entrevistado B, abordou um pouco sobre o assunto quando foi questionado, mas não foram as palavras centrais da entrevista, porém ele comentou: "Eu costumo falar que o futebol atrasa a gente... é difícil conciliar, graças a Deus eu dei conta de conciliar isso aí, demorei, mas nunca parei". Todavia ele também relata que foi bem instruído durante a vida, pela mãe, com relação aos estudos. Um primo que era seu empresário também ficava muito "no pé" quanto à escola, e que esses fatores foram determinantes para sua conclusão escolar. O participante também completou: "Muitos jogadores não sabem, mas se você pagar a carteirinha da AGAP,

tem desconto em muitas faculdades, sendo atleta profissional”. A AGAP se trata de uma associação de garantia ao atleta profissional, onde é pago uma taxa anual e o atleta fica com direito a diversos benefícios proporcionado pela instituição. Resumindo suas palavras, o entrevistado afirma que dá para conciliar estudo com a vida esportiva, principalmente com várias ferramentas que surgiram ao longo do tempo, como as faculdades EAD, esse próprio sistema de garantia ao atleta, enfim a conciliação é possível, porém difícil. Depende muito da força de vontade do atleta.

O entrevistado C assim como o entrevistado A, abordou sobre o tema logo no início, devido a sua experiencia no assunto. Como já citado ao ser apresentado, uma de suas maiores dificuldades foram justamente sobre a escolaridade. O fato de morar em uma cidade e jogar em outra acabava sempre por sair mais cedo da escola e perdia a última aula para dar tempo de pegar o ônibus. Este também se viu obrigado a tomar uma decisão quando sua escola na época se tornou em tempo integral, restando apenas a opção de largar o futebol para continuar na escola ou mudar de escola para continuar com o futebol. Porém nem todas escolas tinham um tempo que dava para conciliar, vindo assim a ficar com aquela que permitia essa condição de tempo, devido sua prioridade com o futebol.

Após terminar sua primeira passagem no profissional, e ver que as oportunidades que chegaram a surgir não era do seu agrado, e poderia atrasá-lo mais em relação a estudos, ele optou por voltar à faculdade, deixando o futebol de lado e dedicando-se aos estudos.

3.4 Empresários no futebol

A questão empresarial sobre o jogador de futebol, é um assunto bastante comentado principalmente por aqueles que se sentiram lesados em algum momento da carreira devido à falta de oportunidade ocasionada pela ausência destes. O mesmo poder que o empresário tem de colocar um jogador no clube, ele tem de tira-lo, pois a oportunidade ofertada a um, pode representar a frustração de outro, nem sempre sendo feita da forma justa.

O entrevistado A relata: “os jogadores que jogam mais, são aqueles que tem mais contato com empresários, ou tem mais amizades com alguém dentro do clube, o que acaba desanimando os que não tem”. Deixando assim bem claro sua frustração sobre o assunto, complementando que foi um dos fatores que o fez desanimar com o futebol, principalmente da primeira vez que parou. Ao ser perguntado se já teve empresário ao longo da carreira, ele fala: “nunca tive empresário... com ele fica mais fácil as coisas”. Nosso entrevistado, ao ser questionado sobre o assunto e a malandragem no futebol, aproveitou fazendo um desabafo, dizendo que presenciou situações que o clube vendia jogos, e esse foi um dos motivos pelo qual caiu de divisão devido o esquema ser descoberto.

O entrevistado B em vários momentos da entrevista abordou essa questão de malandragem no esporte e o poder do empresário. Ao ser perguntado se já teve empresário, ele fala: “sempre tive, empresário é o que abre a porta, não adianta bater na porta dos clubes falando que é bom, pode até ser, mas se não tiver uma porta aberta ali, não adianta”.

A todo momento ele frisou que tudo hoje no futebol é indicação, que é muito sujo, muitas pessoas aproveitam do sonho de outras para ganharem encima. Por experiência própria o entrevistado relata que sofreu muito nesse percurso, vendo situações de assédio, pessoas pagando para jogar, caracterizando assim a “malandragem” e demonstrando sua indignação: “não existe você pagar para trabalhar, é trabalho ... pagar para vagabundo aí (me desculpa o termo), para virar jogador, isso aí me deixa revoltado”. Em certo momento ele chegou a compartilhar uma denúncia: “eu joguei em time ali em Santa Catarina e Goiás também, onde o cara já assinava o contrato junto com a rescisão sem data”. Explicando melhor o fato, ele disse que tal situação acontecia porque assim não tinha custo nenhum ao clube e na hora que eles quisessem se desfazer do jogador, a situação já estaria resolvida por contrato.

O entrevistado C contou um pouco sua relação com empresários, e relatou que nunca teve um de forma concreta, apenas informal. Ou seja, pessoas que colaboravam com o seu sonho, dando chuteiras, pagando custos de viagens e coisas do tipo, mas empresário de papel assinado, contrato e tudo, nunca teve. Ao ser perguntado sobre a influência do empresário no futebol, a resposta foi bem clara: “eles

(empresários) têm uma influência gigantesca nesses clubes menores... é muita indicação, é muito contato”.

De acordo com nosso participante, tratando-se dos clubes pequenos os empresários apresentam muita voz ativa dentro dos times, e em alguns caso resulta em colocar certos atletas para jogar, mesmo este não sendo o melhor ou fazendo por merecer a chance. Conseguindo assim a oportunidade apenas pelo contato, não pelo o mérito, tirando a oportunidade de muitos que trabalham e lutam seriamente pela oportunidade. O entrevistado complementa: “tem muitos casos que é até malandragem, os cara ali só querem que os jogadores deles joguem, não importando nem se tem qualidade por exemplo”.

Contudo podemos perceber que existe uma certa associação entre empresário e malandragem no futebol de acordo com nossos entrevistados, que infelizmente devido a um conjunto de fatores contribuiu diretamente para o desânimo destes com o futebol.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a criação das perguntas a serem realizadas nas entrevistas, a intenção era justamente procurar respostas que saíssem de uma área subjetiva e entrasse em uma área elementar, onde de fato, com dados colhidos e conseqüentemente analisados, pudéssemos compreender as dificuldades da vida de quem sonha em ser jogador de futebol profissional, observando a peculiaridade que cada história carrega. Todavia, esse processo é repleto de questões em comuns como observamos, sendo o caso da escolaridade, questões financeiras e empresarial. De modo geral, podemos presumir que são questões que afetam parte dos jovens que luta por esse sonho, mesmo que indiretamente, mas estão presentes nesse “universo” que é o futebol.

Foi neste sentido, de darmos mais qualificação ao trabalho, que analisamos separadamente esses fatores em comuns citados pelos nossos participantes. Com relação a escolarização, podemos perceber que se trata também de uma questão cultural, na qual, em suma maioria é deixada como segunda opção em termos de priorização relacionada ao futebol.

Já ao tratarmos o lado financeiro fica um pouco mais delicado, cada um tem um estilo e padrão de vida diferente. Entretanto, ao analisarmos que no Brasil grande parte dos jovens que travam o desejo de se tornar profissional, saem de periferias, ou regiões menos valorizada, a questão financeira começa apertar logo cedo, aonde muita das vezes precisa trabalhar na juventude para ajudar em casa, no sustento da família, na compra de alimentos, enfim, precisa sobreviver, e nem sempre o futebol dar essas condições.

A questão empresarial também está ligada a falta de oportunidades e entrada nos clubes, de todo modo não deixa de ser um fator de interferência negativa. Muitos jovens deixam de sonham e acreditar no futebol devido a experiências ruins, falta de oportunidades até mesmo por malandrags de empresários que prometem uma situação e não cumprem, ou então colocam um jogador inferior no lugar de outro, justamente devido a sua influência no futebol. Fato é, que toda história sempre apresentará um fator predominante para uma tomada de decisão, justamente devido a tudo que o futebol representa, significa e engloba, seja direto ou indiretamente.

Após todo estudo teórico presente no trabalho, junto às entrevistas realizadas com nossos participantes, conseguimos tirar algumas conclusões a respeito do futebol brasileiro e principalmente sobre quem sonha viver dessa carreira. O caminho realmente não é fácil, infelizmente não tem uma fórmula mágica, ou uma “receita de bolo” a seguir. São muitos fatores que podem determinar a concretização ou não do sonho de ser jogador profissional, por exemplo, ao serem perguntados sobre os respectivos temas citados, cada entrevistado o abordou de forma específica e caracterizada por suas referentes vivências, ou seja, uma situação que foi determinante para um, pode não ter sido para outro, mesmo que este tenha passado pela experiência.

Devido ao fenômeno social e esportivo que é o futebol, essa idealização de se tornar jogador de futebol, muitas das vezes se origina no período da infância e perdura até a fase adulta. Aquele olhar e admiração de fã para ídolo como ocorre corriqueiramente no futebol, apenas representa a dimensão que é esse fenômeno, aonde jovens vislumbram levar uma vida luxuosa, assim como aqueles que os expiram, com salários astronômicos, glamour, fama, entre outros, sem antes ter a mínima noção do que irá de enfrentar para chegar onde desejam. É então que muitos se decepcionam com a realidade do futebol brasileiro, além da árdua batalha de se tornar profissional e manter constância, a realidade salarial de uma grande maioria é desanimadora ao levar em consideração aquilo que almejam.

É nesse contexto que alguns paradoxos acabam se criando, dentre eles: por que existe toda essa concorrência para se tornar jogador profissional, sendo que é um sonho difícil de ser realizado, e quando acontece, uma maioria absoluta ganha abaixo de 5 mil reais? Por que priorizar algo incerto, sabendo da realidade financeira e o tempo curto de carreira? Enfim são questões difíceis de serem respondidas, mas com certeza são fatores que transcendem a lógica. A paixão pelo esporte, a influência da família, da sociedade por ser tratar do esporte mais popular do país, a esperança de mudar cenários familiares, mesmo sabendo das dificuldades. Enfim, são “n” fatores que contribuem para o futebol ser uma das profissões mais cobiçadas entre os desportos e até mesmo da sociedade. É algo que está inerente aos brasileiros, e enquanto esse amor existir, também haverá crianças, jovens e adultos querendo viver através desse sonho.

5. REFERÊNCIAS

CALDAS, W. O futebol no país do futebol. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. 1986, v. 3, n. 2 [Acessado 10 setembro 2021], p. 24-30. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451986000300005>>. Epub 16 Mar 2011. ISSN 1807-0175. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451986000300005>.

DAMATTA, Roberto. A antropologia do óbvio. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol.

GIGLIO, S.S. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GONÇALVES, J.C.S.; CARVALHO, C. A. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-27, 2006.

RAMOS, V.S. **Determinantes para as diferenças de desempenho esportivo e financeiro entre os clubes de futebol do nordeste e sudeste brasileiro: uma análise do esporte clube Bahia e do São Paulo futebol clube de 2002 a 2008**. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado Ciências Econômicas) - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2008.

REIS, H.H.B. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SIMÕES, L.E. No Brasil, 55% dos jogadores de futebol ganham 1 salário mínimo. Disponível em: < <https://www.moneytimes.com.br/no-brasil-55-dos-jogadores-de-futebol-ganham-1-salario-minimo/> >. Acesso em: 29 set 2021.

SOARES, A.J.G.; et al. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. Revista Brasileira de Ciências do Esporte [online]. 2011, v. 33, n. 4 [Acessado 17, setembro 2021], p. 905-921. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000400008>>. Epub 17 fev. 2012. ISSN 2179-3255. <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000400008>.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. Horizontes Antropológicos [online]. 2008, v. 14, n. 30 [Acessado 23 setembro 2021], p. 85-111. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200004>>. Epub 13 Out 2008. ISSN 1806-9983. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200004>.

VIANA, R.J. **O futebol na educação física escolar**. Trabalho de conclusão de curso (licenciatura em educação física) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.